

FHC no Rio, entre PSDB e PFL

Presidente subiu nos dois palanques e disse a favelados que "vida de rico é chata"

Ricardo Lessa, Leonardo de Souza e

Sílvio Oricolli

do Rio de Janeiro e de Maringá

Logo depois de saborear um coquetel de camarão, servido dentro de um melão, como primeiro prato, e um medalhão de filé mignon com fritas, além de uma bomba de creme, por sobremesa, tudo isso regado a vinho e água mineral Perrier, o candidato à reeleição presidencial Fernando Henrique Cardoso saiu-se com essa: "vida de rico, em geral, é muito chata."

Disse isso em seu discurso a cerca de mil favelados do Parque Royal, a poucos minutos de distância do late Clube Jardim Guanabara, na Ilha do Governador, Zona Norte no Rio de Janeiro, onde almoçara, sábado, em companhia do candidato ao governo do Estado pelo PFL, César Maia, do prefeito Luiz Paulo Conde, do candidato ao senado pelo PPB, Roberto Campos, além de outros aliados de sua candidatura.

O Parque Royal, com 3 mil moradores, foi beneficiado pelo projeto Favela-Bairro, da prefeitura do Rio de Janeiro, com a transferência de famílias que moravam em palafitas para prédios, e a construção de ruas, calçadas e esgotos, além de outras

melhorias urbanas.

Ainda no Rio, antes de encontrar, ontem, com o Cardeal D. Eugênio Salles e de outro almoço, desta vez com empresários, o candidato-presidente tentou explicar sua declaração: "Eu não disse que é chato ser rico, porque não sou rico, sou professor, sou pobre". FHC ainda explicou que "não era crível prometer riqueza a todas aquelas pessoas, mas oferecer uma vida digna e decente".

Questionado ainda, na porta do Palácio São Joaquim, residência do cardeal, o presidente assegurou que não pretende mexer no câmbio, em função da crise mundial das bolsas. Isso, segundo ele acarretaria uma diminuição dos salários dos trabalhadores. "O papel do governante é a defesa da moeda".

Fernando Henrique descartou também a possibilidade de mudanças nas taxas de juros e garantiu que "não está havendo ataque especulativo no Brasil". Afirmou que o que está havendo nas bolsas é um ajuste, mas admitiu que a crise dos mercados financeiros pode afetar o ritmo

de crescimento econômico.

O candidato à reeleição teve que se desdobrar no Rio entre os dois candidatos ao governo que apóiam sua candidatura. Depois do comício no Parque Royal, onde foi acompanhado pelos pefelistas, compareceu a uma reunião dos prefeitos do PSDB e a um comício em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, junto com o

candidato do PSDB ao governo, Luiz Paulo Rocha, e com o governador Marcello Alencar.

No Parque Royal, com César Maia pediu votos ao candidato a senador Roberto Campos. No comício de Nova Iguaçu, no qual teve uma platéia de 35 mil pessoas, conforme a Polícia Militar, bem abaixo do esperado pela organização, que estimava em 120 mil os presentes, pediu votos para o candidato do PMDB, Moreira Franco.

A crise econômica mundial também foi um dos temas principais da visita de FHC a Maringá, a primeira ao estado do Paraná, na sexta-feira. Pressionado, Fernando Henrique

tentou demonstrar naturalidade e enfatizou que "estão sendo tomadas as medidas necessárias e progressivas" e que "não haverá sustos ou pacotes". De acordo com a avaliação do presidente, a situação atual é diferente da ocorrida em outubro de 1997, com a queda das bolsas asiáticas, "quando houve ataque especulativo ao Brasil". Em suas palavras, o que está ocorrendo agora "me parece uma histeria coletiva".

Fernando Henrique também comentou que, diante da crise na Ásia e na Rússia, ficou explícita a necessidade de mudanças na orientação da política econômica mundial. "São medidas que demandarão tempo, mas espero que os líderes de todas as nações possam se articular para instituir um novo marco de referência na economia, colocando novas bases em todo esse financiamento internacional."

O candidato da frente de oposição "Muda Brasil", Luiz Inácio Lula da Silva, teve de cancelar uma caminhada, programada para ontem de manhã, pelas praias de Copacabana e Ipanema, no Rio de Janeiro, para qual tinha convocado toda a militância. O motivo foi a chuva fina que caiu sobre a cidade.

